O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 28.º — Sábado, 21 de Abril de 1945 — N.º 1885

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 35
Comp. e Imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

No entêrro do Super-Homem

pelo dr. ALBERTO SOUTO

Já a rádio internacional e os grandes diários disseram tudo e ilucidaram todos e tudo comentaram àcêrca da morte do grande presidente americano Franklin Roosevelt.

Ridículo seria eu se neste tardio e modesto semanário pretendesse dizer qualquer coisa de inédito e de novo e caísse a tal respeito no pretenciosismo vulgar dos ingénuos da letra redonda...

Nada venho dizer de novo, mas quero cumprir um sagrado dever cá do meu íntimo: incorporar-me com os meus leitores no préstito imenso do funeral do Super-Homem.

Esse cortejo fúnebre não se cingiu ao seu país nem terminou na tumulação. O Hyde Parck de Washington era pequeno de mais para comportar o acompanhamento. Nem chegou Washington, nem tôda a terra da América, da Alasca ao Panamá, da cordilheira dos Montes Rochosos, aos Aleganis e aos Andes; da Flórida aos gelos polares, às selvas do Brasil, ao Estreito de Magalhães.

Nem mesmo os Oceanos limitaram o saimento. Ele excedeu as próprias Américas e abrangeu o orbe. Entraram nele, e vão passando ainda todos aqueles povos da Terra que não estão relegados ao tremendo castigo da derrota.

Vai aí o mundo inteiro, civilizado e culto e social e humano, que aspira à paz dos homens e à liberdade dos povos, porque todo êsse mundo se juntou em luto e pezar e dôr ao povo enlutado, pezaroso e dolorido da grande América.

A perda foi da Humanidade!

Vou eu também, homem simples do meu povo, e português humílimo, no colossal entêrro e comigo vão, nesta imagem que significa e exprime um profundo sentimento de luto do espírito, os verdadeiros homens e os sensatos portugueses que leem as minhas palavras.

* * *

Já fôra ilustre e notável na presidência da grande república dos Estados Unidos da América do Norte o primeiro Roosevelt.

Mas o segundo, pela oportunidade que teve de revelar nas supremas dificuldades da sua hora, os seus talentos e as suas virtudes, excedeu-o em longanimidade e sobrepujou-o em magnanimidade e ultrapassou-o em serviços, em renome e em prestígio perante o mundo.

Dentro do seu país dominou a questão social e as crises económicas, coibindo os abusos da organização capitalista e obviando à irrequietude das massas operárias por lhes saber fazer justiça.

Soube igualmente cumprimir os exageros e os extremismos, não por palavras vãs ou por fórmulas brutais, mas por leis sábias e medidas eficazes. Não diminuiu a riqueza geral, mas aumentou-a e distribuiu-a com mais eqüidade.

Tornou-se respeitado sem entronizar a violência, nem fazer da fôrça bruta e céga o seu arauto, o seu instrumento, o seu meio, o seu recurso ou o seu apêlo. A sua justiça foi serena e justa, não foi nunca a chamada justiça dos partidos sectários, nem a crueldade dos sicários que todos os partidos sectários alimentam no seu seio.

Conciliou os seus gestos mais vigorosas com os conceitos fundamentais e as práticas usuais da democracia e harmonizou sempre a democracia com a liberdade, teórica e prática, dos indivíduos e das sociedades.

A guerra não o encontrou desprevenido de ideias firmes, de juizos lúcidos, de soluções salvadoras. Na própria guerra foi excepcionalmente grande como um generalíssimo consumado.

Personificando a concepção americana, simultaneamente utilitarista e idealista, do Homem, da Vida e do Mundo, a sua pessoa e a sua acção foram o refúgio dos vencidos, dos mártires e dos oprimidos, dos povos atacados e dominados pela agressão dos conquistadores e das nações escravizadas pelo vampirismo dos maiores bandos armados e das maiores seitas sanguinárias que jamais assolaram a terra.

Se Churchil foi o aço rígido da arma e da couraça e a lâmina inquebrável da defesa da Inglaterra, êle foi o aço ductil e macio cuja têmpera e maleabilidade permitiram o fabrico das inúmeras, complexas e infinitas peças técnicas, materiais, morais, políticas e diplomáticas necessárias a essa complicada, ciclópica e esmagadora máquina da Vitória que hoje trabalha nas almas, nos ares, nos oceanos e nos continentes.

Se aquele corpo não cedesse, e aquela vida preciosa e aquele talento singular e aquela alma verdadeiramente eleita perdurassem e não dissociassem pela morte, o seu vulto pairaria além da própria Humanidade. A morte encarregou-se, então, de nivelar a grande figura do gigante com os organismos vulgares e com os mortais sujeitos às leis eternas da vida e da matéria.

Que pena ser mortal, também, o Super-Homem!...

* * *

Sem assistir à vitória final, morreu em pleno triunfo, tendo à sua volta os oprimidos do mundo inteiro e os povos sedentos de justiça, de liberdade e de paz que no superior equilíbrio do seu espírito depunham as melhores esperanças do seu porvir.

Ficou, porém, a sua memória como nume grande astro nasconstelações da Humanidade e o seu espírito como numa tutelar não apenas da grande América mas de todos os homens e de todas as nações que anceiam viver a vida de verdadeiros homens e de verdadeiras nações, vida que não pode viver-se sem perfeita justiça, sem perfeita paz, sem perfeita liberdade, sem perfeito equilíbrio e sem perfeita confiança.

Construtor da victória do seu país e dos seus aliados, e da paz do mundo, oxalá que o seu espírito democrata, justo e liberal, ilumine do Além a construção de um mundo melhor em que a Justiça se torne tão forte e tão poderosa que não sejam mais possíveis as deshumanidades, as violências e as maldades a que temos assistido.

Orando no profundo do nosso espírito, caminhando anonimamente no couce longínquo do mundial entêrro, invocamos para bem de nós próprios portugueses e daquela Humanidade que quere ser Humana, a sua memória veneranda, protectora e benfaseja.

Que o Todo Poderoso dos Universos permita que a centelha divina de que foi dotado o seu estro fique a iluminar o espírito dos homens de tôda a terra para haver paz, para haver justiça, para haver pão, para haver liberdade.

E bendita seja para sempre a sua grande memória!

Bota-abaixo

Depois de vários adiamentos acaba de ser marcado, em definitivo, para o dia 25 o lançamento à água do novo navio-motor *Inácio Cunha*, destinado à pesca do bacalhau e construido nos estaleiros da Gafanha, sob a direcção de Manuel Mónica.

Antes da cerimónia será oferecido um almôço pela emprêsa Testa & Cunhas, L.ª, proprietária do barco.

DONATIVOS À GOTA DE LEITE

A Emprêsa de Lacticínios de Aveiro, num gesto de generosidade que tanto a dignifica, fornece, gratuitamente, à Gota de Leite, seis litros de leite por dia, e da Comissão Municipal de Turismo recebeu esta instituição a quantia de 1.008$00, terça parte da receita líquida dos festivais realizados na Feira de Março nos dias 7 e 8 do corrente.

De vez enquando

BEIJOS PARA FUMAR

O *Domingo*, de Madrid, traz-nos esta novidade sensacional—os beijos para fumar—que o vespertino *Diário Popular*, de Lisboa, traduz pela seguinte forma:

Uma lindíssima rapariga norte-americana—uma daquelas que vêm na capa das revistas de modas—elegante, fascinadora e cheia de *it* teve a idéia verdadeiramente genial de enviar ao seu prometido uns beijos preciosos, com a indicação de que lhos enviava para serem saboreados no delicioso fumo dos cigarros que êle fumasse no descanso das batalhas, no intervalo entre uma e outra luta, quando a noite do Pacífico convidasse a recordações e lhe trouxesse amorosas lembranças.

A rapariga, para, finalmente, concretizarmos melhor, teve a paciente virtude de ir marcando, com o maior cuidado, em cada mortalha de um volumoso livro de papel de fumar, o sêlo dos seus lindos lábios deliciosamente pintados e perfumados.

Remeto te, pelo mesmo correio, uma série de beijos—escreveu-lhe ela.

Os seus lábios finíssimos, em forma de coração pequenino, tinham ficado perfeitamente gravados, em relêvo, em cada papel de seda.

Nunca o costume de pintar os lábios femininos foi mais util e consolador.

E' verdade. E eu só tenho pena de não ser hoje soldado combatente para o constatar...

JOÃO DO CAIS

Já há cerejas!

Notícia o *Comércio de Guimarães* que apareceram no mercado as primeiras cerejas, que são a alegria das crianças. Vai dizendo, porém, escudado na ciência, que, pelos seus prejuizos digestivos, devia existir apenas uma... e, essa mesma, no meio do mar...

Ora! Quando se é novo até se digerem pedras!...

Não meta mêdo às crianças, colega.

A vida dos jornais provincianos

O nosso colega *Jornal de Sintra* publicou, na sua edição de 15 do corrente, um artigo assinado por *Medijor* ao qual nos referiremos mais de espaço no próximo número.

Para que os nossos assinantes e leitores ajuizem da razão que nos assiste...

Aviadores espanhóis

Vieram na sexta-feira da semana passada de Lisboa visitar a Base Naval de S. Jacinto e a Escola Gago Coutinho alguns oficiais da missão aeronáutica espanhola chefiada pelo general D. Eduardo Gallarza, que se encontrava na capital. Fizeram o trajecto em hidro-aviões e depois dum almoço regional que lhes foi servido e a que assistiram, também, os srs. Governador Civil e Presidente da Câmara, estiveram em Aveiro onde as autoridades locais lhes ofereceram um *Pôrto de Honra* no pavilhão do Parque.

Passava das 18 horas quando retiraram para S. Jacinto, utilizando uma vedeta da Capitania, seguindo, depois, para Lisboa.

Promoção

Pela ultima Ordem do Exército ascendeu ao posto de capitão, ficando a fazer serviço no regimento de infantaria desta cidade, como até aqui, o médico, sr. dr. Vitorino Cardoso, que contamos no número dos nossos melhores amigos.

Cordeais felicitações.

Feira de Março

Está no fim, visto ser âmanhã o último dia da sua duração oficial.

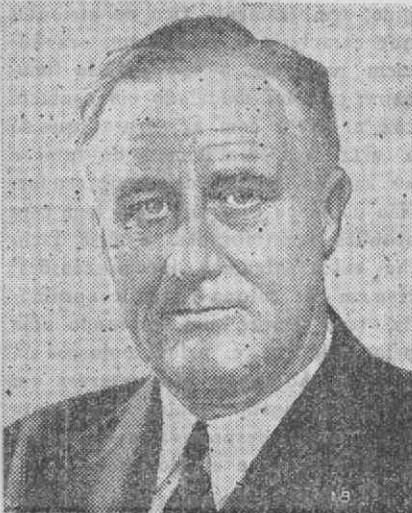
Para a fechar, organizou a Comissão de Turismo um festival com o concurso do *Rancho de Coimbra*, que no ano passado fez sucesso, e no qual também tomarão parte o dr. Xavier Pinto, conhecido pelo *Rouxinol do Minho*, que cantará ao som da guitarra um escolhido reportório, e a Orquestra Típica de Cavaquinhos do Norte, nunca vista entre nós.

Se o tempo se conservar bom espera-se grande afluência de gente de fóra.

A MORTE DE ROOSEVELT

A notícia da morte do «homem do sorriso franco, aberto, depositário de tôda a confiança dum povo que lançou o seu destino numa guerra» e que aqui demos em duas linhas, na semana pretérita, causou, em todo o mundo, dolorosa impressão, por inesperada. Em tôda a parte foi o assunto palpitante das conversas e os jornais dedicaram-lhe colunas porque se «apagou uma grande luz no horizonte das esperanças da Humanidade» porque o mundo perdeu, para todos os efeitos, o «campeão da Liberdade e da Democracia». Aveiro também sentiu, por isso, o fatal desenlace, mostrando-se pesarosa ao ter conhecimento da notícia espalhada pela imprensa.

FRANKLIN ROOSEVELT

No edifício da Câmara, onde a edelidade se manifestou, aprovando um voto de sentimento, assim como nos do Estado, conservou-se a bandeira nacional durante três dias a meia adriça.

AGRADECIMENTO

O Governador Civil do Distrito e o Presidente da Comissão Distrital da União Nacional, muito penhorados ás entidades oficiais e mais pessoas que assistiram à sessão de Propaganda Política que se realizou no dia 11 no Teatro Aveirense, contribuindo com a sua presença para o brilho da mesma, apresentam, a todos, os seus agradecimentos.

Aveiro, 14 de Abril de 1945.

aa) Francisco Cirne de Castro
Querubim do Vale Guimarães

EM VAGOS

Dr. Lúcio Vidal e Berardo Camêlo

Homenagem às suas memórias

Teve logar, no domingo de tarde, a sessão solene que o Centro de Educação e Recreio promoveu em honra dos dois vaguenses que no concelho se destacaram e desapareceram da cêna da vida, deixando saüdades.

Presidiu o sr. desembargador dr. Melo Freitas, ladeado pelos representantes das Câmaras de Vagos e Ilhavo, Delegado Escolar e pelo director deste semanário.

Lida a correspondência pelo sr. António da Rocha Vidal, que constou de cartas e telegramas de adesão dos srs. Diniz Gomes, João Bela, dr. David Cristo, João da Costa Baltazar, dr. Magalhães Bastos, Costa Neves, padre Rodrigues Valente, Paulo Gaspar, eng. Almeida Graça, dr. Almeida Ribeiro, dr. Mendes Correia, Virgílio d'Almeida, dr. Carlos Pericão e dr. Alberto Souto, foi, a seguir, dada a palavra ao professor Guilhermino Ramalheira, que proferiu um discurso brilhantissimo sobre a personalidade de Berardo Pinto Camêlo, cujas faculdades musicais poz em relêvo de maneira a empolgar o auditório que, por completo, enchia a sala.

Depois falou o sr. dr. Frederico de Moura, considerado médico na vila, que desta maneira se exprimiu:

Minhas senhoras e meus senhores:

Para falar nesta homenagem à memória do dr. Lúcio Vidal, foi escolhida, não se sabe bem porque motivo, a minha voz. Podiam, sem dúvida, ter feito melhor escolha, mas quizeram facultar-me a mim esta oportunidade, o que eu agradeço, de dizer alguma coisa do muito que há a dizer sobre o homem e sobre o amigo que a morte, em má hora e tão permaturamente, eliminou do nosso convívio.

Tentarei falar-vos do homem mais do que do amigo, uma vez que aquilo que eu tenho guardado da sua amizade é daquela riqueza que se guarda só para nós e se não pode desperdiçar nas palavras que em todas as condições seriam inferiores, seriam mesquinhas, para falar dela. Todos, de resto, os que aqui nos encontramos, terão tido oportunidade de avaliar até que ponto ia aquele filão de riqueza afectiva e de fidelidade ao amigo. Além disso, o que interessa do dr. Lúcio Vidal é essencialmente o homem no sentido mais extenso do seu significado, no seu complexo total, e que no caso presente é bem rico de nuances, e de aspectos. Quem conheceu o dr. Lucio Vidal—na medida em que o conhecer significa compreender—viu logo que por de traz daquela fisionomia dura, enérgica, mesmo rude, em que uns olhos claros e piscos de miopia, cintilando por detraz das lentes duns óculos, punham uma nota incisiva, estava um amor aos princípios que nunca sequer se aproximou do sectarismo, estava uma fidelidade para com as ideias que nada tinha que ver com a paixão embora fôsse uma fidelidade rigida, inquebrantável, instintiva, quási física.

Na verdade, ao serviço das suas ideias combateu com a fôrça da inteligência, que era lúcida e robusta, com as forças instintivas, que eram milionárias do conteúdo humano, e com o tonus dos musculos que apertaram o aço frio das armas nos dias inquietos das revoluções, nas emergências em que julgou necessário o seu sacrifício em favor da Liberdade.

Mas êste homem, que era por inteligência, por instinto e por formação um démocrata no melhor sentido da palavra, um democrata naquêle sentido em que a Democracia nivela os homens, irmanando-os e planificando os seus direitos; que era medularmente fiel aos ideais de Liberdade, era duma tolerância incomparável mesmo para aquêles que milita-

O «foot-ball» nas ruas

Não só no Largo da Vera-Cruz, como no bairro de Sá e até na Rua Aires Barbosa, o rapazio, sem respeito por ninguém, *joga a bola*.

E' tempo de se pôr côbro a estes desmandos, impróprios da cidade.

Aonde está a polícia?

Atenção aos relógios

—o—

Hoje, às 23 horas, devem os relógios ser adiantados mais 60 minutos em conformidade com um decreto publicado nesse sentido.

Pela nossa parte, estaremos a postos...

vam no polo opôsto daquilo que era a sua verdade, e que, por conseqüência, eram inimigos confessos e irredutíveis dessa Liberdade.

Eu não conheço, nem nunca conheci ninguem, com mais compreensão, com mais aceitação para as ideias do adversário, ninguém mais aberto à discussão das opiniões contrárias ás suas; ninguem melhor do que êle extremava as divergências de crédo das inimizades pessoais, ninguém mais intransigente e ao mesmo tempo mais compreensivo. Nunca ultrapassou a barreira onde a defesa de principios passa a ser sectarismo.

A lição da sua vida é a lição dum homem que sem ter religião, era profundamente religioso, na medida em que a religião implica a existência duma ética, na medida em que o ser-se religioso implica o amor do próximo, a solidariedade humana e o sacrifício pelo semelhante.

E a sua humanidade não era, como por ventura poderá parecer a quem o não conheceu verdadeiramente, uma humanidade abstrata de teorias, de conceitos e de palavras; não era uma humanidade teórica sem razões poderosas a documentá-la; não era uma humanidade num sentido abstrato e universal. Nada disso. Era, antes, uma humanidade realizada no facto concreto, na atitude e na posição de homem para homem. Era uma humanidade sensivel à lagrima duma mulher, à fome dum vizinho, ás chagas dum enfêrmo, aos piolhos dum mendigo. Era uma ternura dirigida ao seu irmão-homem, concreto, real, chagado, andrajoso, sujo, mas homem com grandezas e com inferioridades, com virtudes e com defeitos, feito da mesma argila fragil de que todos, somos formados, senhor duma sensibilidade rica ou pobre, de necessidades imperiosas a satisfazer, duma ansia permanente de realizar, dum desejo insofrido de viver. Era uma admiração quente e estimulante para com as qualidades, era uma compreensão justificadora dos defeitos e das desgraças. Entendia o homem, como homem era, misto de anjo e de diabo- um pouco de luz e um pouco de lôdo.

A fome do semelhante não o incomodava literáriamente, mas antes provoca, va nêle uma reacção activa para lhe acudir. A sua humanidade era qualquer coisa que ultrapassava os limites dum conceito moral, para se realizar integralmente no seu conselho sempre lúcido o oportuno, na sua bolsa tão aberta, que nem a gente sabia, ao certo, se era sua se de quem dêle se abeirava com necessidade, e ainda mais do que a bolsa, o seu peito sempre escancarado para receber as dores e as angústias de todos e lhes deixar cair um pingo de laudano que lhes acalmasse o espasmo doloroso; para receber as lágrimas, para levantar o que caía no caminho duro e pedragoso, para dar fôrças àquêle que, desesperado, vagueava na solidão sem rumo e sem luz que o iluminasse. Compreendia o êrro com nobresa, e mais: sabia perdoá lo sem amesquinhar. Era, enfim, solidário, duma maneira total, com todo aquele que dêle se aproximasse à procura dum alívio, dum lenitivo, dum conselho, duma palavra salvadora, da sua bolsa que não era, realmente, sua nem dos seus, mas de todos os que dela precisavam! E êste homem, duma generosidade acima de tudo, levava a sua compreensão ao ponto de entender e justificar o avaro, o mesquinho, o sórdido que vive para o dinheiro e para a contemplação do oiro, duas coisas que êle despresava na medida em que elas não tinham utilidade para fazer bem.

O dr. Lùcio Vidal era um exemplo. Um exemplo bem vincado de fidelidade aos principios e de amor ás ideias.

Minhas senhoras e meus senhores:

Quando as palavras são ditas àcêrca duma personalidade dum tal quilate, tão rica, dum caracter tão viçoso de atributos, as palavras são pálidas, as palavras são mesquinhas, as palavras são inuteis. Inuteis e perigosas, porque eu até receio que elas possam macular a pureza do motivo que as inspira, sujar a nascente de água cristalina onde elas vão beber. E até receio que possa, ás vezes, escapar se qualquer vómito de retórica onde só a sinceridade pura de linguagem literária, onde só a mais cristalina compreensão humana pode e deve existir.

Falar de mortos, tenho para mim ser um acto da maior seriedade, especialmente quando—como sucede no caso presente—o tempo ainda não conseguiu sequer, arrefecer o seu cadaver nem esfumar a sua presença. Os mortos querem silêncio à sua roda, e se algumas palavras têm de ser ditas a seu respeito, elas têm de ser prudentes e honradas.

Falar de mortos é sempre um acto sumamente sério, que se não pode fazer de ànimo leve, perdido o controle das palavras e da medida em que elas podem entrar pelo campo da rètórica nacional, tão incontinente e tão insensata.

Mas se falar de mortos, dum modo geral, é perigoso, falar dum morto que foi nosso amigo a uma geração ou várias gerações que o conheceram pelo menos tão bem como nós, é temerária; e mais ainda se o desaparecido é um indivíduo como o dr. Lúcio Vidal, que deixou em todos nós, os que o conhecemos, uma presença tão real, tão palpável, tão evidente. E' mais do que temerário porque as palavras são sempre inferiores à memória do homem e mesmo inferiores à intenção de quem as profere. Mas há mais: eu falo-vos dum amigo e dum amigo daqueles que não são faceis de encontrar na vida. Devo-lhe horas admiráveis de comunicação espiritual, devo-lhe estimulos para a luta que não esquecem, devo-lhe o fervor duma estima esmagadora porque era fraterna. E esta amizade que ainda vive hoje em mim com a mesma seiva com que vivia quando ainda existia a sua presença física, inibe-me de certo modo as possibilidades de hoje falar sôbre a sua memória para mim sagrada.

A mocidade de Lúcio Vidal foi agitada. Homem dinâmico, generoso, arebatado, viveu as suas ideias, lutou por elas, defendeu-as por todos os meios, jogando a propria vida ao seu serviço. Foi homem de princípios e pelos princípios sofreu. Não foi apenas homem de livros porque foi essencialmente homem da Vida. E não lhe foi inútil a lição que colheu da Vida—a grande Mestra—foi-lhe mesmo mais útil para a sua formação do que a prédica que ouviu da boca mais ou menos veneranda dos lentes, porque era um homem de personalidade forte e vincada e de espírito crítico e incisivo.

Inteligência estruturalmente elaboradora, não era homem para ser dirigido; temperamento rico de atributos que caracterizam e definem, era homem para ser o seu próprio timoneiro; caracter modelado em contacto com a luta e com as agruras que só a vida tem, era homem de lutar e ao mesmo tempo de compreender. Não pactuava com injustiças nem com atitudes invertebradas, e êsse facto lhe valeu algumas incompreensões. Homem de coluna rigida e aprumada, teve sempre um profundo nôjo pelos cifóticos e pelos moluscos da política. Admirava sem reservas um adversário intransigente, com tanta fôrça, como despresava um correligionário servil e acomodatício.

Conquistou inúmeros amigos e admiradores e podia ter ascendido a posições de destaque de ordem vária, mas fiel à terra onde nasceu e à qual muitos vínculos ligavam, preferiu uma vida simples e modesta, sendo útil aos seus conterrâneos. A cidade não lhe tirou o vestígio da origem, não lhe frenou as fôrças instintivas, não o despersonalisou. Aqui queria viver e aqui viveu, aqui exerceu brilhantemente a advocacia, não com finalidades de enriquecer, porque êle não viera para a sua terra para explorar os homens, para trair os seus patrícios—viera antes pôr o seu coração, a sua inteligência e o seu carácter de melhor água ao serviço dêles.

Vagos deve-lhe muito e tem obrigação de o não esquecer, nem deixar, sequer, esfriar a lembrança do Homem que foi o seu melhor, o seu mais desvelado protector, o seu mais leal amigo e o seu mais fraternal conselheiro.

Esta simples homenagem que hoje lhe presta o Centro de Educação e Recreio, é apenas, e simplesmente, uma homenagem de portas a dentro, uma homenagem desta colectividade, que no seu seio alberga tôdas as camadas sociais de Vagos e que, por acaso, se reunem na mesma casa onde durante anos a sua figura atlética e insinuante se movimentou nervosamente ao serviço de todos os que dêle se abeiravam à procura dos seus conselhos e da sua amisade—a amisade mais ampla, mais extensa, mais polimorfe que se possa imaginar; onde durante vários anos pôz à prova a sua grande ternura pela terra que o viu nascer, e fez transbordar de generosidade o seu grande coração.

Rareiam os homens bons, no sentido em que o dr. Lúcio Vidal soube ser homem bom, compreensivo, leal, apaixonado, mas franco; intransigente, mas tolerante; forte, mas com uma alma de criança naquele grande arcaboiço; impulsivo, mas generoso, de uma generosidade sem limites. Rareiam os homens da sua têmpera rija, da sua honestidade à tôda a prova.

Os novos, que tão assiduamente frequentam esta casa, podem e devem pôr os seus olhos ansiosos de jovens no seu exêmplo vivo e fazerem dêle a luz dum farol e um padrão para se aferirem.

Esta simples homenagem de hoje é particular. A dívida de Vagos fica em aberto e não se deve fazer esperar a grande homenagem do concelho a que a memória do dr. Lúcio Vidal tem incontestável direito.

Erga-se-lhe um busto numa praça pública, bem no centro da vila, onde ficará como sombra tutelar, onde o bronze perpetuará para exemplo dos que vierem depois, a sua máscara torturada, mas firme, dura e rija aparentemente, mas onde os olhos que saibam aprofundar vislumbrarão um rio caudaloso de firmeza moral, de bondade e de ternura humana.

Este discurso, que produziu funda impressão na assistência, foi, no final, calorosamente aplaudido. E' que o sr. dr. Frederico de Moura, traçando, como traçou, o perfil moral e intelectual do dr. Lúcio, fê-lo com tanta nitidez, com tanta precisão, com tanta arte e com tanta verdade nos seus pormenores, que todos viram nas palavras do orador o realce daquele coração diamantino que deixou de pulsar, mas jàmais será esquecido pelos amigos ou simples conhecidos onde quer que se encontrem.

Falou ainda o professor Gonzaga Xavier, o académico da Universidade de Lisboa, Armando Lúcio Vidal, para agradecer as homenagens, e, por último, o presidente da mesa, que, congratulando-se pela maneira como elas decorreram, felicitou os oradores da tarde a quem se ficaram devendo tão dulcíssimos momentos passados em perfeita comunhão de ideias.

Os retratos do dr. Lúcio e do maestro Berardo foram descerrados na sala de leitura pelo filho Armando, do primeiro, e pela sr.ª D. Aida Pinto Camelo, filha do segundo.

À margem da guerra

UMA POSIÇÃO BRITANICA DE MORTEIROS NA FRENTE OCIDENTAL

Casa do Povo de Aradas

Temos presente o relatório e contas da gerência de 1944 no qual a direcção, constituida pelos srs. Mário de Matos, Manuel Pereira de Melo e Eduardo Maia Martinho, descreveu a maneira como desempenharam o seu mandato e que foi dos mais proficuos, principalmente no capítulo previdência e assistência, ou seja na obra de protecção aos trabalhadores rurais, que bem merecem.

Congratulamo-nos com êsse facto, que só louvores deve provocar.

Récita académica

Teve ontem lugar no Teatro Aveirense a favor do *Socorro do Inverno*, sendo organizada pela Reitoria do Liceu e pelos centros liceais da Mocidade Portuguesa.

A casa encheu-se por completo.

Benemerência

Para comemorar o 5.º aniversário da morte do saudoso comerciante António Souto Ratola, recebemos, segunda-feira, de seu filho Carlos Souto, a quantia de 50$00 destinada aos pobres do *Democrata*.

Os nossos agradecimentos.

Capitão Alfredo de Brito

Tivemos, terça-feira, o grato prazer de abraçar em Aveiro êste brioso oficial do Exército, residente em Lisboa e filho do nosso saudoso amigo Alfredo Cesar de Brito, que ao *Democrata* deu muito da sua inteligência.

Veio de visita a sua madrasta, sr.ª D. Deolinda Freire de Brito, que se encontra doente, no Hospital.

"Amigos de Coímbra,,

O grupo com êste nome vai homenagear àmanhã e nos dias 3 e 17 de Maio as memórias dos falecidos bispo D. Manuel de Bastos Pina, dr. Raimundo Venâncio Rodrigues e Emídio Navarro, a quem a cidade deve honras e benefícios.

Agradecemos os convites endereçados a êste jornal.

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

IMPRENSA

Arquivo do Distrito de Aveiro

Publicou-se o n.º 40 da revista trimestral de que é editor o sr. dr. Ferreira Neves. Traz, como de costume, variada colaboração, cujo conhecimento se torna útil por ser interessante e curiosa.

Jantar de despedida

—o—

Ao deixar a Covilhã, onde durante três anos teve a seu cargo a gerência da Filial do Banco N. Ultramarino, foi oferecido um jantar ao sr. José de Oliveira Barreto em que tomaram parte algumas dezenas de convivas, que lhe manifestaram a sua simpatia e ao mesmo tempo o seu pesar em virtude da sua transferência para Vizeu.

Entre a assistência viam-se o sr. Presidente da Câmara, que presidiu, representantes de associações e de outros organismos, colegas, amigos e muitas outras pessoas que quizeram associar-se à festa de homenagem a quem tanto se distinguiu no exercício das suas funções.

O Democrata, regosijando-se pela maneira como foi apreciada a gerência de José Barreto, filho do concelho de Vagos e que na filial de Aveiro já prestou serviço, felicita-o afectuosamente.

Os amigos do alheio

Vieram *trabalhar*, domingo, ao recinto da Feira, indo alguns parar com os ossos à cadeia, antes de operarem.

As intimidades com a polícia é o que faz...

NECROLOGIA

No Hospital finou-se, na pretérita sexta-feira, vitimada por uma hemorragia cerebral, a sr.ª D. Leocádia Casimiro da Silva, solteira, de 77 anos de idade.

Era irmã do sr. Francisco Casimiro da Silva e o seu entêrro realizou-se da igreja da Misericórdia para o cemitério sul da cidade.

A toda a família, as nossas condolências.

ESCOLAS DA OLIVEIRINHA

Por intermédio da respectiva Junta de Fréguesia, vão ser reparadas com comparticipação da Câmara.

Foi isso deliberado na segunda-feira.

Edifício dos correios

Inaugurou-se em Bragança o que a Administração Geral ali mandou construir. Pela *maquette* presente agrada-nos os vários aspectos interiores e desagrada-nos os exteriores. São gostos.

Ao comércio

O recoveiro Carvalhinho comunica que já não tem ao seu serviço o carrejão António Almeida.

Carta de Lisboa

General Carmona

O recente aniversario—o 17.º—da proclamação do sr. General Carmona, como Presidente da República, foi mais um pretexto para todo o país lhe prestar as maiores e mais significativas homenagens.

Portugal achou que era, de novo, oportuno afirmar o seu agradecimento pela obra e pela figura do insigne homem de Estado, a quem a nação deve muito do seu extraordinário e magnífico engrandecimento. Sem a acção esclarecida, magnífica e desinteressada do sr. General Carmona muito do nosso progresso e renascimento jamais teria sido possível. Por isso, o sr. Presidente do Conselho pôde um dia dizer, falando da pessoa egrégia do Chefe do Estado:

«O sr. General Carmona tem exercido com superior critério, alta distinção moral e inexcedível dedicação pelo seu país, a função de Chefe de Estado. A estabilidade que desde 1926 houve na suprema direcção do Estado, depois da instabilidade que nela tinha havido desde 1910, é devida tanto às qualidades eminentes, ao equilíbrio de espírito e ao prestígio pessoal do sr. Presidente da República, com a essência disciplinadora do 28 de Maio, que o ilustre militar interpretou com fidelidade só igual ao seu aprumo. Essa estabilidade sintetiza diante dos portugueses a vitória máxima do ideal reorganizador que se implantou em Portugal.»

Depois destas afirmações de Salazar acêrca do sr. General Carmona, parece-nos que nada mais há a acrescentar para pôr em relêvo merecido, em evidência justamente destacada, a figura a todos os títulos ilustre e eminente do venerando Chefe do Estado.

O sr. General Carmona é, de facto, a melhor e mais alta expressão do ideal organizado que Portugal deve ao Estado Novo e de que o sr. Presidente da República é a mais certa e alta expressão.

CORDEIRO GOMES

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, os srs. Jaime Figueiredo e António Carvalho da Silva, escriturário da Direcção de Estradas; àmanhã, a interessante Maria Luisa de Rezende Godinho, filha do sr. José Lopes Godinho, professor em S. Martinho da Gandara (O. de Azemeis); no dia 23, o sr. Carlos Júlio Rodrigues; em 25, a sr.ª D. Palmira de Morais Sarmento Lima, residente em Lisboa; e em 27, o nosso presado amigo dr. António do Nascimento Leitão, coronel-médico, também com residência na capital.

Gente nova

Na Maternidade do Hospital, teve o seu feliz sucesso, dando à luz um menino, a sr.ª D. Maria Rosa Branca da Cruz, esposa do nosso amigo dr. Manuel Amador da Cruz, veterinário da Câmara Municipal. Já foi registado, recebendo o nome de António Manuel.

Felicitamos os pais do neófito e a êste desejamos um futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

Estiveram desta cidade as sr.as D. Laura de Brito Correia, farmaceutica no Porto; D. Alice de Brito T. Pinto e sua gentil filha Mirita; D. Maria José de Brito e João Godinho de Almeida, residentes naquela cidade; general Schiappa de Azevedo, de Oeiras e José Robalo (filho), empregado nos escritórios da C. P. no Entroncamento.

—Para Lisboa partiram os srs. dr. Mário Duarte, com sua esposa e filhos, e dr. Florentino Rocha e esposa que, como dissemos, embarcam para Angola.

—Partiu para Bissau, com a família. o sr. Miguel de Sousa Neves, 2.º sargento da Armada.

Doentes

Entrou em convalescença da grave doença que o acometeu o sr. José Francisco Moita, chefe da nossa estação do caminho de ferro.

—Recolheu à cama, inspirando o seu estado sérios cuidados, o sr. Pompilio Ratola, funcionário da secretaria policial.

Livros

A Conquista e as Riquezas da Terra

Desta obra, que anda a ser publicada pelas *Edições Atlante*, com séde na Rua da Emenda, 60, em Lisboa, e é traduzida pelo dr. Campos Lima, recebemos os fascículos n.os 2 e 3, que agradecemos, recomendando a sua leitura pelos conhecimentos neles revelados.

Emprêsa de Transportes da Ria de Aveiro

No anuncio desta sociedade anónima, inserto a semana passada, onde se lê parte social deve lêr-se ***pacto social*** e em vez de duas mil acções, ***dez mil acções.***

Rectifica-se para os devidos efeitos.

Outro Mundo...

pelo prof. Jorge Vernex

1—Pulverização

«Se a União Soviética—escreve o dr. Wilhem Koppen—elaborou um plano que visa a transferência de 20 a 60 milhões de homens, isto demonstra apenas que ela está habituada a considerar os indivíduos e os povos, por assim dizer, como figuras de xadrez que é possível deslocar dum lado para o outro a bel-prazer. O plano deve-se ao judeu Schoenfeldt, antigo embaixador americano na Finlândia.

Dentro da União Soviética, há muito que andam em continuo vai-vém grandes grupos populacionais. O jornal britânico *Nineteenth Century* calcula em 12 milhões o número de vitimas que se encontram na Sibéria e nos campos de concentração. São homens e mulheres considerados «inimigos do povo» e que «constituem uma espécie de escravos do estado Soviético que trabalham gratuitamente».

Pretenderam os soviétes fundir tôdas as populações russas num *tipo único* de homem soviético para desenraízarem e fazerem mirrar a concorrência nacional dos povos. Da Ucrânia foram deportados centenas de milhares de indivíduos que não mais puderam ver a família ou a Pátria. O mesmo caminho da Sibéria percorrem agora bálticos, polacos, alemães, romenos, búlgaros, italianos, húngaros, jugoslavos, etc. Staline preparou já a transferência para a Sibéria de 10 milhões de teutónicos e, se êle ganhar a guerra, tôda a Europa trilhará êsse caminho maldito de degrêdo e aniquilamento.

O quadro que espera tôda a Europa não é só visão, pois está já em execução em mais de metade da Europa, ao mesmo tempo que os valores representativos estão a ser assassinados metódicamente.

Eis porque a resistência da Europa é hoje a luta heróica, inquebrantavel, sagrada, pela liberdade humana e pela sobrevivência duma ascensão civilizadora de mais de dois mil anos.

Os métodos soviéticos de pulverização nacional têm actualmente a honra de serem apresentados como infra-estrutura dos imperialismos de àmanhã, onde a lei do mais forte, a lei da fôrça commandará os destinos do homem reduzindo-o à lei da selva. Será isto possivel? O horizonte apresenta-se carregado, mas é das grandes crises que brotam os grandes luzeiros espírituais que marcam as novas épocas.

Atenção para a 4.ª página

Comarca de Aveiro

Éditos de 20 dias

1.ª publicação

Por êste juízo—segunda secção, segundo Tribunal — e nos autos de Artigos de liquidação que João Agostinho Portugal e mulher Maria do Rosário de Almeida Rato Oortugal, êle comerciante e ela doméstica, da Costa Nova do Prado, movem contra Alvaro da Silva Rocha e mulher Amélia de Jesus Rocha, êle cabo do do mar e ela doméstica, residentes na Barra de Aveiro, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando os credores desconhecidos dos executados, para no praso de 10 dias, findo o dos éditos virem à referida execução deduzirem os seus direitos, nos têrmos do art.º 864 do Código do Processo Civil.

Aveiro, 6 de Abril de 1945

O chefe de Secção

João António Morais Sarmento

Verifiquei:

O Juiz de Direito

A. Fontes

Visitai o Parque da Cidade

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,48 (tram.)
13,23 (rápido)[1]	11,15 (»)
20,40 (tram.)	19,34 (rápido)[1]
	Do Porto chega um tram. ás 21,07 e de Coimbra um ás 17,18 que não seguem.

(1) Ás terças, quintas e sábados.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	10,49
14,34	15,57 (1)
17,43 (1)	19,16
20,03 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Visitai o Parque da Cidade